

## **SAMPAIO, Carlos**

\* pref. DF 1920-1922.

*Carlos César de Oliveira Sampaio* nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 13 de setembro de 1861, filho do negociante Joaquim José de Oliveira Sampaio e de Rosa Júlia Moreira Sampaio. Foi batizado em Lisboa em 1º de março de 1862.

Iniciou os estudos em casa, tendo como professora a irmã mais velha, com quem aprendeu noções de língua portuguesa, inglesa e francesa. Aos dez anos de idade foi matriculado pela primeira vez em uma escola, ambiente ao qual não se acostumou de imediato, mas a que foi obrigado a se adaptar por exigência do pai. Destacou-se depois pelo desempenho positivo em seus preparatórios, nos quais foi aprovado com distinção na maioria dos casos. Antes de completar 14 anos matriculou-se na Escola Politécnica, onde recebeu os títulos de engenheiro civil, engenheiro geógrafo e bacharel em ciências físicas e matemáticas antes dos 19 anos.

Aprovado em concurso, tomou posse como professor catedrático da Politécnica em 23 de janeiro de 1882. Fez também concurso para a Escola de Marinha (depois chamada Escola Naval), passando por uma série de exames que envolviam conhecimentos de matemática, navegação, balística e artilharia, entre outros assuntos, e foi aprovado e classificado em primeiro lugar. Tornou-se assim, aos 21 anos, professor de duas instituições de ensino superior. Nessa fase, escreveu dois livros: *Geometria aplicada* e *Mecânica aplicada às máquinas*, de que apareceria apenas o primeiro volume em 1918.

Em 1889 participou da operação “Água em Seis Dias”, cuja meta era construir em prazo curtíssimo um aqueduto com capacidade para transportar, ao longo de quatro mil quilômetros, 16 milhões de litros diários para solucionar o problema de falta de água no Rio de Janeiro, metrópole em rápido crescimento que então sofria os efeitos de prolongada estiagem agravada por tórrido verão. O engenheiro Paulo de Frontin foi o principal realizador da operação e contou com a importante colaboração dos engenheiros Carlos Sampaio e Júlio Paranaguá, que finalizaram o projeto depois de superar as difíceis condições impostas pela natureza: violentos temporais que atingiram a cidade e dificultaram desde a locomoção dos operários da obra até o transporte do material que seria

utilizado para a construção do aqueduto.

Após a proclamação da República, Carlos Sampaio atuou em algumas das várias companhias então criadas. Dirigiu a Companhia Telefônica e participou da Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil, que mais tarde recebeu a concessão para a construção do porto do Rio de Janeiro, para a qual ficou incumbido de conseguir – e obteve – recursos. Foi também convidado para representar os interesses financeiros dos grupos europeus membros do Sindicato Farquhar, do qual várias companhias faziam parte, entre elas a Madeira-Mamoré, a Estrada de Ferro Sorocaba, a Brazilian Cattle, a Port of Pará e a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, conjunto usualmente chamado de Brasil Railway. Despertou sua atenção o fato de o índice de mortalidade entre os trabalhadores da Madeira-Mamoré ser muito alto, e então pediu que o cientista e sanitarista Oswaldo Cruz investigasse as causas do problema e oferecesse a solução. Esta consistiu em uma série de recomendações que mais tarde seriam utilizadas por outros sanitaristas.

A primeira vez que participou de uma grande empreitada foi a convite do engenheiro Luís Rafael Vieira Souto, em 1891, quando juntos realizaram o arrasamento do morro do Senado, cujas sobras seriam utilizadas para aterrar o antigo saco de São Diogo, as praias Formosa, das Palmeiras e dos Lázarus, que poderiam representar risco à saúde pública devido ao lixo depositado no local. O transporte da terra oriunda do morro foi facilitado pelo então prefeito Barata Ribeiro, médico e ciente dos benefícios que o aterro da área traria para a higiene e saúde da cidade.

Em janeiro de 1920 foi nomeado para representar o Brasil na Conferência de Trabalho em Washington, com mais dois delegados. Logo depois foi escolhido para ser presidente da delegação brasileira à II Conferência Financeira Pan-Americana.

Convidado pelo presidente Epitácio Pessoa (1919-1922) para assumir a prefeitura do Distrito Federal em substituição ao prefeito Sá Freire, tomou posse em 7 de junho de 1920 com a missão de preparar a cidade para os eventos comemorativos do I Centenário de Independência do Brasil. Deparou-se a princípio com o pouco tempo disponível e com as condições precárias das finanças da prefeitura, e sofreu oposições, muito mais de cunho político do que resultantes de divergências a respeito da administração da cidade. Embora possuísse densos conhecimentos nos diferentes ramos da engenharia, convidou seu amigo Vieira Souto para ser seu conselheiro técnico.

Executou obras de grande relevância para a cidade, tais como o arrasamento do morro do Castelo, que foi considerada a mais importante realizada em sua gestão. Na área resultante do desmonte do morro deveria ser montada a Exposição Internacional do I Centenário da Independência do Brasil, que deveria ser inaugurada em 7 de setembro de 1922. Os fatores adversos eram muitos, pois além do pouco tempo havia interesses contrários e o receio de suprimir um local de valor histórico. Por outro lado, o morro do Castelo era considerado por muitos um empecilho à ventilação e ao saneamento da cidade, e seu desmonte era recomendado desde 1816 por Azeredo Coutinho.

Para o prefeito, que já havia participado do desmonte do morro do Senado, o desmonte não apresentava problemas técnicos. A princípio a obra teve um progresso lento devido à escassez de recursos técnicos e financeiros, ao processo de desapropriação dos prédios e à necessidade de alojamento da população afetada. Porém houve um fator favorável: a curta distância do trajeto a ser percorrido para levar o material oriundo do morro arrasado até a praia de Santa Luzia e a enseada da Glória, onde seria depositado no mar. Com a aplicação posterior de novas técnicas, a introdução do desmonte hidráulico e o uso de bombas potentes, a obra alcançou o rendimento máximo. No ano do centenário a maior parte da área já estava pronta para receber a exposição.

As obras da avenida de contorno do morro da Viúva foram complementares ao arrasamento do morro do Castelo. Tendo sido sua construção aprovada pelo projeto nº 1.373, de 16 de outubro de 1920, a via foi inaugurada na época em que se comemorava o I Centenário de Independência e foi denominada avenida Rui Barbosa, pelo Decreto nº 1.757, de 12 de setembro de 1922, uma homenagem do prefeito ao jurista ainda vivo na época.

As obras de calçamento, reposição, reparos e conservação foram uma constante no governo de Carlos Sampaio e se estenderam a diversas partes da cidade. Entre elas, figuram a reconstrução e reposição da pavimentação da avenida Atlântica, destruída em partes pela ressaca; a construção da avenida Presidente Wilson, resultante do arrasamento do morro do Castelo e da Exposição do I Centenário; o início da construção da avenida Eptácio Pessoa, parte do plano, aprovado em 26 de fevereiro de 1922, de embelezamento e saneamento da lagoa Rodrigo de Freitas, cujas margens eram tidas como não habitáveis por possuírem focos de doenças; a construção da avenida Maracanã, considerada obra relevante para o saneamento e urbanização da região, evitando que as inundações frequentes do rio

Maracanã dificultassem o tráfego para alguns bairros da Zona Norte. Outras importantes intervenções foram a desobstrução dos rios Trapicheiro, Joana e Maracanã; a construção da avenida do Exército em São Cristóvão, destinada às paradas militares do 7 de setembro; a construção do Hotel 7 de Setembro na avenida Rui Barbosa, e do Pronto Socorro do Lido, em Copacabana. Carlos Sampaio ainda construiu, remodelou ou ampliou 20 edifícios que abrigavam escolas, concluiu as instalações de dez agências da prefeitura e adquiriu e remodelou o Teatro São Pedro, atualmente Teatro João Caetano.

Ao deixar a prefeitura em 15 de novembro de 1922, ao final do governo Epiácio Pessoa, teve como sucessor Alair Prata. No período seguinte escreveu o livro *Memória histórica e obras da prefeitura do Rio de Janeiro de 8 de junho de 1920 a 15 de novembro de 1922*, no qual fica evidente um prolongado exame dos problemas urbanos de sua cidade natal.

Faleceu em Paris em 18 de setembro de 1930.

*Cláudia Mesquita*

FONTES: REIS, J. *Administrações; Revista Clube de Engenharia* (v.4, p.91-96, 9/1961).  
Centenário de Carlos Sampaio.